Edição: 12-2013 (agosto/2013)

Economia: O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) decidiu nesta quarta-feira por aumentar a taxa básica de juros em 0,5 ponto percentual para 9% ao ano. Foi a quarta alta consecutiva na taxa, que serve de referência para os contratos de empréstimo no País. Com a taxa básica mais alta, as instituições financeiras tendem a cobrar mais pelos empréstimos dos clientes, o que reduz a atividade econômica e freia a demanda - maior causa de inflação.

O Banco Central iniciou o processo de alta em abril desse ano, mesmo com a economia brasileira não apresentando sinais de aquecimento. As principais justificativas do BC para o aperto monetário foram as metas de inflação - no Brasil a meta é de 4,5% ao ano, com tolerância de até dois pontos a mais ou a menos. Desde o começo de 2013 a inflação acumulada em 12 meses encostou no teto tolerado da meta, que é de 6,5%.

Na decisão desta quarta, o Copom emitiu um comunicado dizendo que "avalia que essa decisão contribuirá para colocar a inflação em declínio e assegurar que essa tendência persista no próximo ano". Segundo o boletim Focus - pesquisa do BC junto a instituições financeiras que atuam no Brasil - o mercado espera por mais uma alta na taxa básica até o final do ano, fazendo com que a meta fique em 9,5%.

Empréstimos mais caros

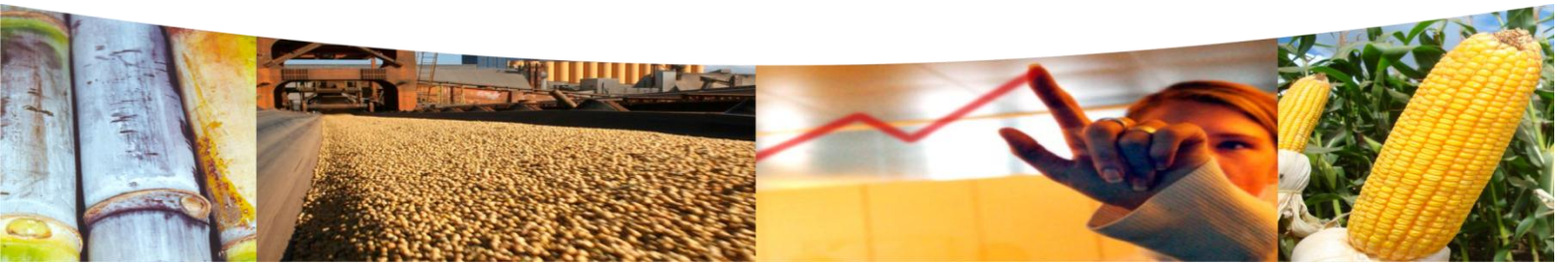
Com a alta da Selic, a tendência é que as instituições financeiras também elevem os juros praticados para o consumidor final. De acordo com a Associação Nacional dos Executivos em Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), a taxa cobrada para financiamento de veículos, por exemplo, deve subir para uma média de 21,27% ao ano (contra os 20,70% atuais).

Os juros do cheque especial devem saltar dos atuais 145,46% ao ano, em média, para 146,55% ao ano. A taxa do cartão de crédito sobe de 192,94% ao ano para 194,23% ao ano, de acordo com a Anefac.

Grãos: "Mais uma safra norte-americana complexa ". - Glauber Silveira

Após cortar a zona produtora dos EUA de leste a Oeste, saindo de Illinois e chegando ao Colorado, passando por Iowa e Nebraska, foi possível ter um sentimento importante que a safra dos EUA está frente a sérios riscos. Primeiro porque teve o plantio muito atrasado, segundo porque a pouca chuva que seria até normal em anos anteriores pegou a maior parte da soja e o milho em uma fase sensível, que é o enchimento de grãos. O detalhe é que há um agravante: existe risco de geada mais adiante na colheita.

Nos EUA, de forma geral, a melhor época para plantio do milho é em abril e para a soja até 15 de maio. Geralmente, os produtores plantam 70% de milho e 30% de soja em suas propriedades, iniciando com o milho e na sequência semeiam a soja. Neste ano foi diferente, pois o frio e as chuvas se estenderam até maio prejudicando os plantios.



Em conversa com produtores em Iowa, eles nos disseram que desde 1983 não tinham um clima tão irregular. A primavera foi chuvosa e fria e se estendeu, o que atrasou o plantio. Depois secou de vez por um período longo demais, prejudicando as culturas no início. Em seguida, o clima esfriou por duas semanas, o que já impactou no desenvolvimento das plantas. E por fim, agora em algumas regiões está quente demais.

Todos estes fatores fizeram com que a safra dos EUA ficasse muito irregular. Tanto que o percentual de lavouras boas e ótimas está diminuindo e aumentando o percentual de regulares. E isto foi possível constatar em nosso percurso: soja desparelha, muitas não fecharam a carreira, milho com enchimento de grãos muito desuniformes na mesma área.

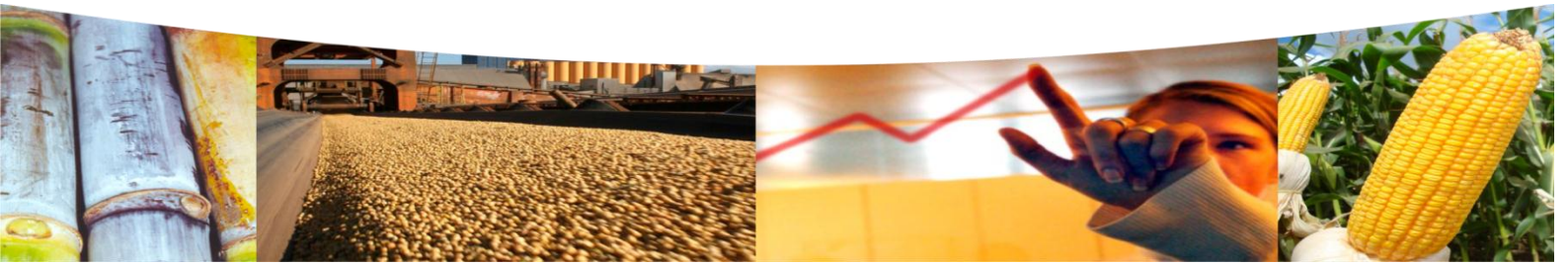
Ao conversarmos com os produtores, eles nos disseram que os períodos de seca ou chuvas escassas não ocorrem todo ano, mas neste ano se agravou pelo plantio atrasado, no qual as plantas não cresceram tanto. O período mais frio alongou o ciclo o que fez com que a condição de estresse hídrico se agravasse.

Sendo assim, por mais que o USDA diga que está tudo normal, não é o que vimos e sentimos dos produtores. Eles esperam produtividades menores do que o previsto, claro que nada de muito baixo. Um exemplo é a previsão para o milho em Nebraska: a média prevista é de 154 bushel por acre, a média do ano passado foi de 132,8 bushel. E a média histórica é de 147,9 bushel por acre. Agora, se não chover nos próximos dias, essa produtividade esperada pode cair.

E por mais que se fale que a seca não está afetando tanto as condições das lavouras, o que constatamos em áreas onde se tinha irrigação foi uma diferença gritante. O que demonstrou que a pouca chuva está prejudicando, tanto na soja quanto no milho. Para o milho, o ideal seria 50 mm de chuva por semana e está longe disto. Tem chovido, mas a chuva que cai é escassa.

Na soja foi possível comparar claramente. Em uma área onde parte tinha irrigação e parte era de sequeiro com a mesma variedade, a soja tinha 30 cm de diferença, 20% a mais de vagens e as vagens todas completas. Enquanto isso, nas de sequeiro, havia muitas vagens de três grãos com apenas dois formados, ficando notória a falta de água. Quero ressaltar que nestes dias, nos 1600 km rodados de leste a oeste, só vi chuva em Denver no Colorado a 200 km da zona produtora de soja.

Os próximos dias serão cruciais para a consolidação dos prognósticos de produção, afinal a umidade do solo caiu muito a níveis críticos. A soja e o milho em mais quinze dias completam seu ciclo de enchimento de grãos, na maior parte das lavouras. E daí vem a principal preocupação dos produtores. Se houver atraso de dez dias na colheita e o inverno chegar mais cedo, pode significar uma tragédia, pois haverá chuvas e geadas.



Para nós produtores, a safra dos EUA é crucial na formação do preço futuro da nossa safra. Mas não estaríamos tão dependentes de preços melhores se os custos da safra brasileira não estivessem 25% mais altos, afinal eles já não seriam tão baixos. Aí ficamos assim, esperando que a safra do vizinho quebre para que nós produtores brasileiros não quebremos.

Sucroenergético: Câmara aprova emenda e conclui votação da MP de incentivo ao etanol

O Plenário aprovou emenda do deputado Arnaldo Jardim (PPS-SP) ao parecer da comissão mista para a Medida Provisória 613/13. A emenda garante aos produtores de etanol o uso de saldo de créditos do PIS/Pasep e da Cofins para compensar outros tributos ou pedir ressarcimento.

A MP concede incentivos tributários aos produtores de etanol e à indústria química por meio de crédito presumido e redução de alíquota do PIS/Pasep e da Cofins.

Com o fim da análise dos destaques, a MP será encaminhada para votação no Senado. A medida perderá a validade se não for votada até o dia 4 de setembro.

Deputados ressaltam que desoneração do etanol aumenta competitividade

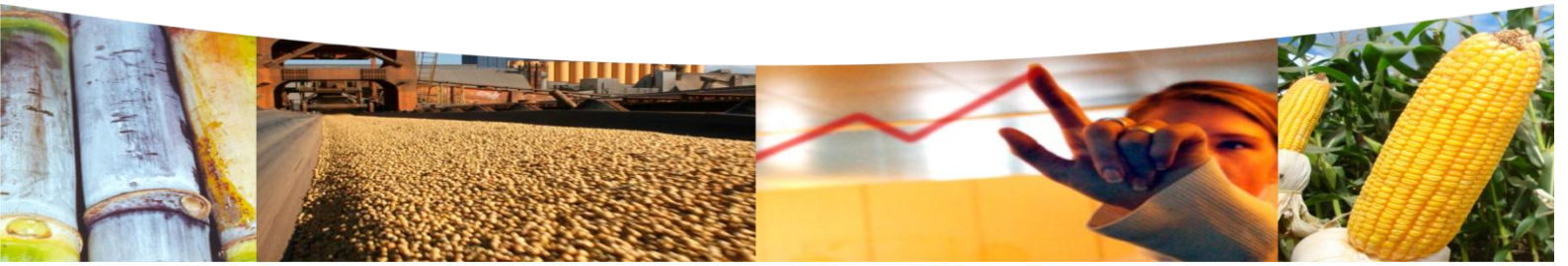
Deputados favoráveis à Medida Provisória 613/13, que desonera a cadeia produtiva do etanol, ressaltaram que a medida gerará competitividade à indústria do etanol e do açúcar. O deputado Arnaldo Jardim (PPS-SP) defendeu a ampliação dos benefícios para o setor petroquímico por meio de uma emenda de sua autoria.

O deputado Newton Lima (PT-SP) disse que a região de Ribeirão Preto (SP) tem sofrido com a crise e, portanto, as medidas vão favorecer os empresários. Segundo ele, a MP garantirá a isenção de R$ 0,12 por litro de álcool. "Isso vai permitir mais competitividade diante do preço da gasolina", disse.

Municípios
O deputado Domingos Sávio (PSDB-MG) afirmou que as mudanças vão melhorar o cenário do setor sucroalcooleiro. Ele criticou, no entanto, a parte da proposta que autoriza a União a repassar R$ 3 bilhões para os municípios na forma de auxílio financeiro. Domingos Sávio disse que essa medida é paliativa e cobrou a redistribuição do Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

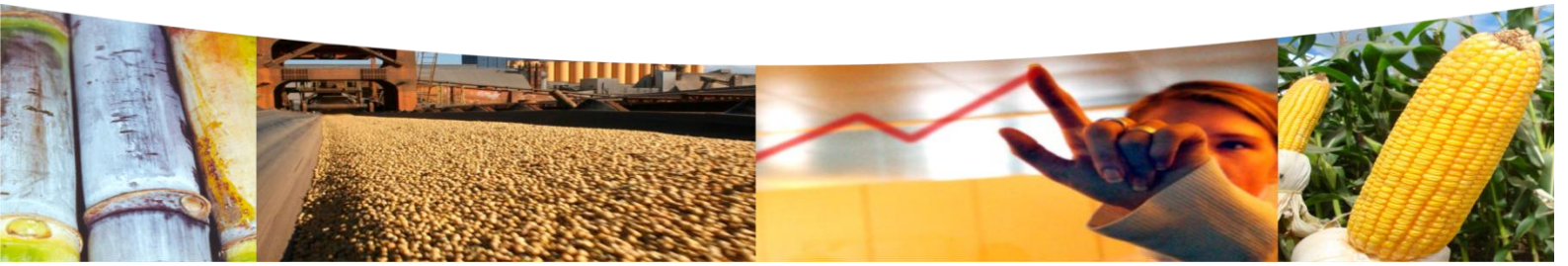
"Precisamos de uma distribuição fiscal mais justa, mas o que se está dando para as prefeituras é um paliativo. A despesa das prefeituras não é uma vez por semestre, é todo o dia", disse. –(Noticias Agrícolas)

Informações de diversas fontes do mercado financeiro, econômico e commodities.
Consolidadas no relatório semanal da COPLACANA onde se isentamos por qualquer responsabilidade por decisões



tomadas mediante ao uso deste relatório

Elabora por:

Manoel Perez Neto
Gerente de Negócios
E-mail: neto@cana.com.br
Fone (19) 3401-2200 Ramal – Ramal 2227

Lucas Schiavolin Bortoletto
Estagiário de Economia – ESALQ USP
E-mail: lucas.bortoletto@coplacana.com.br
Fone (19) 3401-2200 Ramal – Ramal 2338